

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Amazonas / Geral

Data: 02/05/94

Pg.: 92



Orlando Farias

As índias amazonenses Izarida e Idenê, mãe e filha, ouvem estranhas vozes femininas no rio. E pagam oferendas para o casamento dar certo

As amazonas de ontem e de hoje

■ Habitantes dos rios cultivam lenda sobre guerreiras

ORLANDO FARIAS

MANAUS — Mais de 400 anos depois de terem despertado reações de espanto, fascínio e descrença, na narrativa do navegador espanhol Francisco Orellana, as lendárias amazonas continuam mais vivas do que nunca. No mesmo Rio Nhamundá ou *Uridxen* (rio das mulheres), onde, a 22 de junho de 1541, Orellana teria sido ferido em combate pelas guerreiras, perdendo um olho, as populações ribeirinhas mantêm acesa a crença na existência da tribo das *icamiabas* (mulheres sem marido).

Limite natural entre os estados do Pará e Amazonas, o Nhamundá continua sendo o habitat das mulheres guerreiras, segundo acreditam os caboclos da região. Eles garantem que as amazonas vivem no cume da Serra da Lua, à margem direita do rio, onde anualmente recebem homens só para procriarem. Contam os ribeirinhos que, nas noites de luar, as belas amazonas oferecem um espetáculo estonteante, banhando-se numa lagoa que existe no

topo da serra, conhecida pelo sugestivo nome de Espelho da Lua.

Nenhum caboclo se arrisca invadir o santuário das amazonas. "Elas matam qualquer um que se atreva a subir a serra", acredita o pescador Francisco Feijó de Brito, 41 anos, que mora com a família numa praia próxima. Não é por outra razão que a Serra da Lua está livre até hoje das agressões ambientais. "Trata-se de exemplo de como uma lenda exerce influência na preservação do meio ambiente", atesta o assessor especial da prefeitura de Nhamundá, Jander Souza.

Sorte — As amazonas estão presentes na vida dos caboclos que habitam as margens do Nhamundá. Elas são responsabilizadas pela fertilidade, pela sorte na caça e pesca, e também pelo sucesso dos homens com as mulheres. Ninguém deixa de levar consigo como amuleto uma réplica do muiraquitã, que segundo a lenda era ofertado pelas amazonas aos homens que lhes dessem filhas. Os meninos eram mortos ao nascerem ou abandonados numa praia no Nhamundá, para que os pais os levassem.

"Tem gente que até hoje vê as amazonas", garante Izarida Ferreira de Souza. Ela diz que em noites de lua cheia ouve estra-

nhas vozes femininas, nas praias que circundam a serra. Sua filha, Idenê de Souza, 26 anos, já pagou muitas juras e oferendas às amazonas, para ser feliz no casamento.

Essa atmosfera de mitos e crenças tornou a cidade paraense de Faro, na margem esquerda do Nhamundá, berço da maioria das videntes que se espalham pela Amazônia. "Eu cresci ouvindo no rádio em Manaus anúncios da vidente Miraceli, de Faro", conta o sociólogo José Ribamar Bessa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Embora não negue a presença forte das amazonas, que deram o nome do Amazonas, maior rio do mundo, e de estados e cidades dos países da região, ele acredita que o mito das mulheres guerreiras nasceu de uma atitude típica dos colonizadores europeus que chegaram à América no século XV.

Segundo o sociólogo, Orellana ficou impressionado porque viu mulheres índias lutando ao lado de seus maridos, mas esse é ainda hoje costume de muitas tribos da Amazônia. "Numa época em que a mulher na Europa estava presa às tarefas do fogão, ficou difícil admitir que ela pudesse desempenhar papel de destaque no novo continente", diz.

■ Nas cidades, os casos de violência crescem ano a ano

A comparação da lenda da *icamiabas* com a realidade da mulher urbana na Amazônia é contrastante. Nada lembra as cenas narradas pelo frei dominicano Gaspar de Carvajal, da expedição de Orellana, nas quais as amazonas matavam os homens que, por medo, recuavam. As estatísticas revelam uma face totalmente diversa do Rio Nhamundá.

"Atualmente, a mulher na Amazônia é igual a essas árvores que vegetam no meio da selva e servem apenas para reproduzir a vida", diz a paraense Catarina Saldanha Torres, 42 anos, descendente de índios, como denunciam seus longos cabelos negros. Para a titular da Delegacia Especializada em Crimes contra a Mulher, as guerreiras são só lenda.

Com base em dados, ela diz que as mulheres amazonenses estão sendo mais ameaçadas e agredidas pelos maridos do que no ano passado, quando as ocorrências desse tipo foram 6.472. De janeiro para cá, 2.100 mulheres já foram espancadas, e a tendência é que os números dobrem até o fim do ano.